



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ABAETETUBA
POLO UNIVERSITÁRIO DE TOMÉ-AÇU
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM-FACL

ALINE MATOS RODRIGUES

**HETEROGENEIDADES DISCURSIVAS SOBRE GÊNERO E
FEMINISMO NO POSICIONAMENTO DE PROFESSORAS
UNIVERSITÁRIAS**

TOMÉ-AÇU/PA
2018

ALINE MATOS RODRIGUES

**HETEROGENEIDADES DISCURSIVAS SOBRE GÊNERO E
FEMINISMO NO POSICIONAMENTO DE PROFESSORAS
UNIVERSITÁRIAS**

Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências da Linguagem do Campus Universitário de Abaetetuba - ao Curso de Letras - Língua Portuguesa como requisito à obtenção do título de Grau Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará, sob Orientação da Prof^a Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa.

TOMÉ-AÇU/PA
2018

ALINE MATOS RODRIGUES

**HETEROGENEIDADES DISCURSIVAS SOBRE GÊNERO E
FEMINISMO NO POSICIONAMENTO DE PROFESSORAS
UNIVERSITÁRIAS**

Este trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Grau de Licenciatura em Letras-português da Universidade Federal do Pará/Campus de Abaetetuba/Polo de Tomé-Açu e aprovado em sua forma final em: 08 de junho de 2018.

Profª Dra. Rosângela do Socorro Nogueira de Sousa
Orientadora

Profº Ms. José Eduardo Pastana
Examinador

Profº (titularidade) Nome
Examinador

HETEROGENEIDADES DISCURSIVAS SOBRE GÊNERO E FEMINISMO NO POSICIONAMENTO DE PROFESSORAS UNIVERSITÁRIAS

Aline Matos Rodrigues¹

RESUMO:

Este trabalho procura analisar o posicionamento de professoras universitárias sobre Gênero e Feminismo. Para tanto, levantou enunciados de mulheres docentes de uma Universidade no interior do Nordeste Paraense a partir de uma entrevista estruturada. O objeto de estudo, então, são os discursos, e o que se pretende analisar são as possíveis heterogeneidades presentes e as relações de poder que se concentram nas formas de dominação masculina em diversas esferas sociais, entre elas, instituições de ensino superior. A abordagem teórico-metodológica utilizada tem como base os estudos de Authier-Revuz (2004), para conceituação e constituição do corpus de análise e para compreendermos a noção de discurso faremos um curto delineamento desse conceito sob a perspectiva da ACD proposta por Van Dijk (2008). A análise nos mostrou algumas características de como as relações de dominação de gênero aparecem, para determinadas entrevistadas, no interior do espaço universitário. Assim, constatamos ao longo deste trabalho que a universidade, é um lugar enunciativo permeado de discursos construídos historicamente.

Palavras-chave: Heterogeneidades. Discursos. Gênero e Feminismo. Poder.

¹ Concluinte do curso de Letras-Língua Portuguesa na Universidade Federal do Pará (UFPA).
E-mail: alinematos18@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os estudos sobre mulheres, gênero e feminismo têm suscitado inúmeras discussões nas últimas décadas. Com efeito, analisar as relações de gênero, as condições de mulheres e o feminismo, implica compreender as relações de poder como produto social e cultural. Scott (1990) afirma que o significado de uma palavra está ligado a uma história, sendo inútil tentar decodificá-lo enquanto imanência contida no significante. Nesse sentido, a historiadora sobre gênero ressalta que “(...) as feministas começaram a utilizar a palavra “gênero” mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos” (SCOTT, 1990, p. 2).

Para melhor compreensão, o uso mais recente do termo “gênero” tem sido feito e aparecido primeiro entre as feministas americanas, que “queriam insistir no caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (idem, ibidem, p. 3). No entanto, a noção de gênero para a autora, ainda é em diversas esferas sociais e discursivas, profundamente calcada em paradigmas estabelecidos pela gramática, a partir do sexo no seu sentido biológico, como exemplo, a influencia nas instruções para a formação da identidade do homem ou da mulher, pois “implica nas regras formais que decorrem da designação do masculino e feminino” (idem, ibidem, p. 2). Logicamente, nesta pesquisa, a questão de gênero a discutir não se trata de identidade biológica, está ligada à construção sociocultural de homens e mulheres.

Tendo como fundamentação teórica a Análise Crítica do Discurso, doravante ACD, desenvolvida por Norman Fairclough, sob os postulados de Teun A. Van Dijk, esta pesquisa busca estudar a heterogeneidade discursiva de Authier-Revuz, presente nos enunciados de mulheres professoras universitárias. Para tanto, levantamos a hipótese de que o tema feminismo ainda é pouco discutido dentro da universidade e de que ainda há silenciamento de mulheres mesmo dentro de instituições de ensino superior, pois, mesmo considerando que a universidade é lugar de construção de conhecimento, não há em todos os cursos discussões sobre temas que envolvem feminismo.

Tomando como base que todo discurso tem uma base ideológica, o presente trabalho foi norteado pelas seguintes questões: mulheres professoras da universidade compreendem os estudos de gêneros na sua aplicação na

universidade? Qual a base ideológica do posicionamento discursivo dessas professoras? Quando essa aparente independência do outro é desconstruída no próprio discurso? Há manifestação de determinados preconceitos por mulheres ocuparem cargos igualitários a homens?

Assim, o objetivo geral consistirá em analisar nesses discursos, possíveis marcas de outros discursos implícitos e explícitos sobre questões relacionadas ao gênero e feminismo. Em seguida, o objetivo específico versará em identificar a base ideológica que constitui o discurso e classificá-la como patriarcal, machista ou de crítica social. Para isso, a coleta de dados se dará por meio de entrevistas com docentes do sexo feminino, em uma universidade pública federal.

Em um primeiro momento trataremos de expor o feminismo e a condição da mulher por meio dos estudos de Telles. Em seguida, discutiremos a noção de discurso sob os postulados de Van Dijk (2008). E em um terceiro momento, esboçaremos a heterogeneidade discursiva, discutida por Authier-Revuz (2004), para conceituar as modalidades de heterogeneidade a) mostrada e b) constitutiva.

Embasados na perspectiva da heterogeneidade discursiva constitutiva, analisaremos o corpus constituído por entrevistas. E assim, por meio desta, propomos identificar marcas linguísticas presentes nos textos que remetam a formas discursivas, derivadas de uma ideologia patriarcal-machista ou de crítica social.

1. CONDUÇÃO TEÓRICA DA INVESTIGAÇÃO

Nesta seção, explicitaremos os embasamentos teóricos deste estudo. A respeito do conceito de heterogeneidades discursivas, baseamo-nos nos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz (2004) para conceituação e constituição do corpus de análise. Para fazer um breve esboço sobre gênero elegemos Scott; e sobre feminismo elegemos Teles. E Para compreendermos a noção de discurso, faremos um curto delineamento desse conceito sob a perspectiva da ACD proposta por Van Dijk (2008).

1.1 Feminismo e a condição da mulher no trabalho

Desde os tempos mais remotos, papéis sociais são atribuídos a mulheres pelo sexo, de forma que metade da humanidade foi silenciada pela representação dominante. Teles afirma que essa representação dominante se estabelece social e culturalmente por meio de uma ideologia patriarcal e machista, que tem negado à mulher o seu desenvolvimento pleno, omitindo a sua contribuição histórica. “A mulher não é apenas a metade da população e mãe de toda humanidade. É um ser social criativo e inovador” (idem, 1993, p. 9-10).

Ao abordarmos questões que envolvem gênero e a condição da mulher nesta pesquisa somos obrigados a remontar à constituição feminismo,

na França revolucionária, a guilhotina foi usada para silenciar mulheres que reivindicaram o acesso à educação. Do século XVIII ao século XXI, muitas conquistas se deram. A educação pública se generalizou como direito social, da educação infantil à educação superior. As políticas de reconhecimento levaram à inclusão social, apontando como função do Estado garantir condições igualitárias àqueles que, historicamente, foram segregados e excluídos. (LIMA, 2007, p. 166, apud, ARANHA, 1989)

A fim de delimitar um breve histórico a cerca do feminismo, Teles (1993) afirma:

O feminismo é uma filosofia universal que considera a existência de uma opressão específica a todas as mulheres. Essa opressão se manifesta tanto a nível das estruturas como superestruturas (ideologia, cultura e política). Assume formas diversas conforme as classes e camadas sociais, nos diferentes grupos étnicos e culturas. (TELES, 1993, p. 10)

A autora define o conceito de feminismo em seu significado mais amplo, como um movimento político. Nesse sentido, esse movimento tem como ponto de partida se contrapor ao patriarcalismo e propor “uma transformação, social, econômica, política e ideológica na sociedade” (idem, ibidem, p. 10). Desse modo, para a referida autora, o movimento fundado pelo feminismo questiona as relações de poder que causam o silenciamento, bem como o apagamento das mulheres na história e a subjugação de que são vítimas.

Contextualizando para a perspectiva da universidade, esta é uma instituição social que possui o papel de estabelecer igualdade a favor “*minorias*” – ao utilizarmos o termo “*minorias*” nesta pesquisa nos deteremos a mulher - para estabelecer o reconhecimento das injustiças históricas e oportunizar o acesso igualitário dentre as várias esferas sociais, que “socialmente e economicamente não tiveram acesso; que resgate as memórias históricas, produzindo seus saberes,

valores, culturas” (LIMA, 2017, p. 165, 166, apud, HABERMAS, 1994; DUBET, 2008).

No entanto, a condição da mulher, nesse sentido, ainda continua subalternizada. As relações de poder são desiguais e afetadas por condicionamentos históricos e sociais. Estas ideias se materializam nos discursos e fazem emergir o poder social, controle de um grupo sobre outros grupos (DIJK, 2008, p. 17).

Embora tendo atualmente mais inserção no ambiente de trabalho, a mulher ainda ocupa no imaginário uma posição ligada à vida privada no ambiente social, o que dificulta a tomada de poder e seu engajamento em papéis hegemônicos em um modelo sociocultural mais heterogêneo. Contudo, é notória a inserção da mulher em uma condição mais ampla de acesso à educação, ao trabalho, à cultura, embora ainda haja invisibilidade (NOGUEIRA, 2006, p. 57, apud, AMANCIO, 2008, p. 17). Muitas mulheres, a partir de um percurso de luta, já assumem posições de poder, como líderes em organizações institucionais, professoras universitárias, escritoras, engenheiras, artistas, dentre outras esferas sociais.

Com base nesses pressupostos, torna-se indispensável para esta pesquisa investigar as relações de gênero dentro da universidade, uma vez que as instituições de ensino superior são um lugar privilegiado de fala, responsável pela constituição de um pensamento social e de uma cultura de poder. A construção do conhecimento científico colabora com a organização de uma sociedade mais inclusiva e capaz de reverter estruturas de poder desiguais e, por isso, não pode ser passível de condicionamentos históricos desregulados e da produção controle através de discursos “patriarcalistas” e “misóginos” que ainda silenciam a mulher e não lhe dão o papel de protagonismo social que tanto lhe foi denegado pelo abuso de poder masculino.

1.2 O discurso sob a perspectiva da ECD

A análise crítica do discurso proposta por Van Dijk é caracterizada pela interdisciplinaridade e “concentra-se principalmente nos problemas sociais” (VAN DIJK, 2008, p.114).

Não é surpresa que haja um vasto número de livros e artigos dedicado à análise desse conceito central em muitas disciplinas. É imperativo, portanto, que focalizemos naquelas dimensões de poder que são diretamente relevantes ao estudo do uso linguístico, do discurso e da comunicação. (idem, ibidem, p.9)

O enfoque dos Estudos Críticos do Discurso, como também é chamada a ECD, está na análise das relações de poder que “mais especificamente se concentram no *abuso* de poder, isto é, nas formas de dominação que resultam em desigualdade e injustiças sociais” (VAN DIJK, 2008, p. 10).

Esta pesquisa entende que o abuso de poder “(...) significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra os interesses dos outros. Os abusos de poder significam a violação dos direitos civis das pessoas” (idem, ibidem, p.29). Compreende-se dessa maneira, que essa dominação é o controle exercido sobre o outro e que, segundo o autor, denomina-se abuso de poder ou uso *ilegítimo* de poder quando a ação do dominante é beneficente a si, em detrimento do dominado.

Assim, o autor define o objeto de estudo dos ECD como “a reprodução discursiva de abuso de poder e desigualdade social” – que também se expressa na noção de problemática. Donde, para uma análise teórica precisa, é necessária uma investigação detalhada, uma vez que os ECD têm como perspectiva investigar o discurso (idem, ibidem, p.9). Dessa forma:

“(...) interessa-nos investigar, por exemplo, de que modo uma entonação específica, um pronome, uma manchete jornalística, um tópico, um item lexical, uma metáfora, uma cor ou um ângulo de câmera, entre uma gama de outras propriedades semióticas do discurso, se relacionam a algo tão abstrato e geral como as relações de poder na sociedade.” (idem, ibidem, p.9).

Diante das diversas formas de constituição de uma análise no discurso, o autor infere que “uma investigação pode se concentrar na semântica da narrativa, na retórica do discurso político, na pragmática da conversação ou na semiótica do estilo.” (ibidem, 2008, p.11) E assim, por meio de uma análise detalhada, torna-se possível o desnudamento de como o “controle” sobre outro(s) é exercido e representado em contextos sociais.

O discurso, segundo a perspectiva de Fairclough (1992 apud MAGALHÃES, 2001, p. 15), “é mais que apenas uso da linguagem: é uso da linguagem, seja ela falada ou escrita, vista como um tipo de prática social”. Em consonância, para Van Dijk, há uma compreensão de que o discurso deve ser examinado como prática

social, o que implica, no ato de investigação, realizar o mapeamento do contexto como um todo, captando aspectos como a situação comunicacional (social, cultural, histórica etc.); descrição do ambiente; papéis sociais dos indivíduos; situação temporal ou espacial; e quaisquer atividades que resultem consequências na escrita e na fala.

Por conseguinte, conforme o autor faz-se necessário investigar o contexto do discurso, uma vez que este controla mentes, mas também ações. Em razão disso, para a análise dos eventos comunicativos “(...) precisamos examinar em detalhe as maneiras como o acesso ao discurso está sendo regulado por aqueles que estão no poder, como é tipicamente o caso de umas das formas mais influentes do discurso público (...)” (VAN DIJK, 2008, p. 19).

Para o autor, a análise social está intrinsecamente ligada à análise do discurso, e esta relação demanda uma análise cognitiva, pois estas três dimensões são interligadas e dependentes umas das outras para desmistificação do discurso. As estruturas sociais são compreendidas como tendência geral na análise crítica por sua ligação com a dimensão sociedade, na escrita e na fala.

Desse modo, na medida em que essas estruturas são estudadas, interpretadas, observadas, estas mantêm relação com a interação e a comunicação. Logo, essas individualidades como ideologias, representações, modelos mentais de eventos específicos, ideias, crenças, etc., medeiam e influenciam o discurso, bem como as diferentes práticas sociais dos indivíduos. Conclui-se que “(...) nos ECD precisamos estudar problemas sociais em termos do triângulo discurso-cognição-sociedade. Nenhuma de suas três dimensões pode ser realmente entendida sem as outras” (VAN DIJK, 2008, p. 26).

1.3 A heterogeneidade discursiva

Teixeira apoia-se em J. Authier-Revuz quando comenta que “a língua é reconhecida como ordem própria, atravessada por pontos de *não-um*, localizáveis no próprio *fio do discurso*, a partir dos quais se pode “escutar” essa realidade incontornável que constitui o sujeito e o sentido (2005, p. 21)”. Para Texeira (idem, p.21), sob os pressupostos de Authier-Revuz, a língua possui ordem própria, assim não é considerada limitada na materialidade do texto, pois é constituída pelos atravessamentos entre sujeitos e sentidos no discurso, em meio à diversidade de

formações discursivas e pontos de vista. Ademais, é inerente ao conceito de heterogeneidade o sentido e a palavra, como ferramentas intrínsecas, pois um sustenta o outro.

Segundo Authier-Revuz, é “no fio do discurso que, real e materialmente, um locutor único produz, certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, inscrevem, em sua linearidade, o outro” (2004:12). Nesse sentido, ao analisarmos o conceito de heterogeneidade de Authier-Revuz (ibidem), compreendemos que este fenômeno se apresenta no discurso relatado mediante as formas sintáticas do discurso direto e indireto e institui, assim, um outro ato de enunciação no plano da frase, o interdiscurso. Por conseguinte, a autora detalha o comportamento do locutor nos dois tipos de discurso, como notamos na citação a seguir:

No discurso indireto, o locutor se comporta como tradutor: fazendo uso de suas próprias palavras, ele remete a um outro como fonte do “sentido” dos propósitos que ele relata. No discurso direto, são as próprias palavras do outro que ocupam o tempo – ou espaço – claramente recortado da citação da frase; o locutor se apresenta como simples “porta-voz”. Sob essas duas diferentes modalidades, o locutor *dá lugar* explicitamente ao discurso de um outro em seu próprio discurso (AUTHIER-REVUZ, ibidem, p.12)

A partir desses pressupostos, Authier-Revuz (2004) parte de dois princípios para apresentar as formas de heterogeneidade, descritas como: mostrada e constitutiva. A heterogeneidade mostrada, segundo a estudiosa, divide-se em duas formas: marcada e não-marcada. Nas formas marcadas da conotação autonímica, “o locutor faz uso de palavras inscritas no fio discurso e, ao mesmo tempo, ele as mostra” (AUTHIER-REVUZ, ibidem, p.13). Nesta, o locutor se apresenta como “porta-voz” de um discurso já produzido e linguisticamente mostra essa marcação na superfície do discurso por citações – aspas, glosas, itálico, etc. – estabelecendo assim, por meio de um relato, um *estatuto outro*.

Desse modo, esses fenômenos marcados além de se apresentarem na materialidade do texto por meio da conotação autonímica, estes também se apresentam por meio dos dêiticos e da reformulação para evidenciar a presença do Outro e alteridade no discurso.

No que diz respeito à heterogeneidade mostrada não-marcada, o heterogêneo encontra-se nos discursos indiretos livres, na ironia, na antífrase, na imitação, etc. – pela presença implícita de outros sujeitos. Nesses casos, a presença

do outro não é linguisticamente explícita, e “só é *dada a reconhecer*, a interpretar, a partir de índices recuperáveis no discurso em função do seu exterior” (idem, ibidem, p. 18). Donde há interferência de outras vozes e usa-se um outro dito para manifestar sentido, sem que este outro apareça na materialidade linguística.

A autora considera que a heterogeneidade mostrada é uma forma de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva, pois, enquanto a heterogeneidade mostrada dá ao outro espaço linguisticamente descritível no discurso, a heterogeneidade constitutiva não depende de uma abordagem linguística, dado que se trata do processo de constituição de um discurso, inconscientemente.

Para a melhor compreensão dessa segunda modalidade de heterogeneidade, a constitutiva, cabe ressaltar que ela pertence ao extralinguístico, isto é, ela não é marcada na materialidade aparente do discurso, como se manifesta na mostrada. Ao contrário, ela materializa-se no interior do discurso, e constata a presença do outro em todos os discursos, constituindo o sentido. Nesse sentido, Authier-Revuz se ancora em *duas abordagens não linguísticas da heterogeneidade constitutiva da fala e do discurso: o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise freudo-lacaniana* (idem, 2004, p.22).

A autora, apoiando-se em Bakhtin, fundamenta essa forma de heterogeneidade no princípio do dialogismo, pois os constituintes da interação verbal – *a linguagem, a língua, o discurso, o sujeito falante* – não significam para o autor um mero objeto, mas funcionam de forma precisa para compreensão como objeto, levando em conta, “efetivamente, esses pontos de vista exteriores e os deslocamentos que eles operam em seu próprio campo” (idem, ibidem, p. 22).

Segundo Teixeira (2005), Authier-Revuz busca elucidar a abordagem do dialogismo de Bakhtin e, para isso, parte de duas concepções: uma articula com o diálogo entre interlocutores; a outra, com o diálogo entre discursos, descritas pela estudiosa como “interação e discursividade” (TEXEIRA, 2010 apud AUTHIER-REVUZ, 1982, p.140).

Sintetizando a primeira concepção, o diálogo entre interlocutores diz respeito à forma composicional externa do discurso e não diz respeito à interação face a face, como é posta pela linguística e pela filosofia da linguagem (TEIXEIRA, 2005, p. 147). Vale aqui ressaltar dessa concepção que em todo discurso há outras vozes: “(...) o discurso não é nunca individual, pois em cada enunciado, em cada palavra

ressoam duas vozes: a do eu e a do outro.” (idem, ibidem, p.147) Assim, de forma semelhante, Bakhtin afirma:“(…) as palavras são sempre e inevitavelmente as palavras dos outros” (BAKHTIN, 1993, p.88 apud TEXEIRA, 2010). Nesse sentido, Teixeira considera que parte disso a intersubjetividade da constituição da linguagem como *princípio que problematiza o estatuto do sujeito do discurso* (2010, p.147).

Nessa sequência, as categorias analíticas de Referenciação e de estruturação sintática, são encontradas na heterogeneidade constitutiva, por não incluir marcas diretas de enunciação quando evidencia o outro extralinguisticamente.

Conforme Teixeira (2005), a segunda concepção de dialogismo, para Authier-Revuz, se concentra no *diálogo entre discursos*. Assim, apoiando-se em Bakhtin, Teixeira considera que a linguagem é saturada, pois “o discurso não se constrói a não ser pelo atravessamento de uma variedade de discursos” (ibidem, p.147). Trata-se de palavras *carregadas, ocupadas, habitadas, atravessadas* por outros discursos, de sorte que os discursos sempre são influenciados por outros discursos e orientados para o *já-dito e conhecido* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.36).

Por conseguinte, Teixeira ainda salienta, sob os pressupostos de Bakhtin, que “todo discurso está também imediata e diretamente determinado pela resposta antecipada” (TEXEIRA, 2004, p.148). Assim, a constituição do discurso na plataforma do *já-dito* se inclina tanto para a interdiscursividade quanto para o *discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir, sendo já esperado* (TEXEIRA, 2004, apud, BAKHTIN, 1993, p.89).

Segundo Teixeira, no que se refere ao fato de que a comunicação é intrínseca a noção de diálogo, é rejeitada a ideia de um psiquismo individual como origem do sentido (2004, p.149). Nesse sentido, a constituição do sujeito é articulada num jogo de flexibilidade comunicativa por meio da relação com o outro, “a partir de um dado lugar sócio-ideológico, e através de um material semiótico comum” (TEXEIRA, 2005, p.149, apud, MARTINS, 1990, p.26).

A psicanálise Freud-Lacanian, apoiada sobre as teorias de Saussure, é outra exterioridade que compõe a heterogeneidade constitutiva do discurso, se delimita e em torno de dois eixos: a *palavra heterogênea* e o *sujeito dividido* (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.48). A reflexão da autora se articula nesses dois eixos, nos fenômenos que se manifestam inconscientemente e irrompem o cotidiano, que, por meio da palavra fazem-se as reformulações. Assim, Authier-Revuz infere que esses fenômenos apresentam-se como “*atos falhos*”, os “esquecimentos, perdas,

hesitações, lapsos de fala, de escuta, de escrita, de leitura, etc.” (idem, ibidem, p.49).

Em consonância, Teixeira sob os pressupostos de Authier-Revuz, comenta que essas *falhas* são “geralmente atribuídas ao acaso, estabelecem rupturas no discurso, levando o falante a interromper o fluxo “normal” da conversa para pedir desculpas, tentar reformular, apagar ou diluir seus efeitos” (2005, p.150). Ademais, a autora enfatiza a importância em relação a esses fenômenos por inscreverem o outro no fio discursivo, mesmo sem intenção.

(...) o fato de eles mostrarem que sempre *nas palavras outras ‘palavras’ são ditas* e – eis o ponto nodal para Authier-Revuz – é a estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso. A linguagem é duplicada *numa outra cena* pela própria linguagem e isso se deixa surpreender na linearidade, através de rupturas, choques, desvios. O discurso não se reduz a um dizer explícito; ele traz em si mesmo o *peso de um Outro*, que ignoramos ou recusamos, cuja a presença permanente emerge sob a forma da falha. (ibidem, ibidem, p. 150)

Os dois exteriores - o dialogismo de Bakhtin e a psicanálise de Freud sob a leitura de Lacan – apresentam o discurso enquanto o discurso veiculado por outros discursos, como na heterogeneidade mostrada. Assim, por uma se mostrar na materialidade do texto, enquanto a outra na sua constituição, “o contato entre elas não se faz por uma relação linear de um plano ao outro” elas se articulam, pois não são realidades independentes (TEIXEIRA, 2005, p.152). Desse modo, a autora infere que “ao mesmo tempo em que a heterogeneidade mostrada aponta para o caráter heterogêneo de toda enunciação, ela o nega, preservando assim o *fantasma da coincidência do um*, necessário para que um discurso possa ser produzido” (ibidem, p.153).

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada em uma instituição de ensino superior pública federal, situada no interior do Estado do Pará, a cidade e o nome desta instituição não serão apresentadas por questões de sigilo. A escolha da instituição deu-se pelo fato de ela ter em seu setor o cargo mais elevado – a direção do campus - ocupado por uma

mulher. Pois, considerando que a representação da mulher em cargos de altos níveis que impliquem poder, é rara, podemos então observar um avanço significativo.

A instituição que serviu de *lôcus* para a presente pesquisa atende cinco cursos, dentre eles, Engenharia Agrícola, Ciências Contábeis, Administração, Biologia e Letras/Português. O quadro de docentes incluindo homens e mulheres dispõe um total de 11 professores no curso de Eng. Agrícola, 9 no curso de Ciências Contábeis, 9 no curso de Administração, 8 no curso de biologia e 8 professores no curso de letras.

O objeto de estudo deste trabalho são os discursos sobre gênero e feminismo na Universidade, e os sujeitos da pesquisa são mulheres que atuam na docência nos cursos de Administração, Ciências Contábeis e no curso de Letras. A escolha dos cursos se deu pelo fato de que, na maioria dos cursos, a presença masculina é eminentemente majoritária. Vale-se dizer que no quadro de docentes, o curso de Administração é composto por cinco mulheres; o curso ciências contábeis dispõe de seis mulheres; e o curso de Letras compõe o quadro com quatro mulheres.

A pesquisa foi apresentada a cinco entrevistadas: duas atuam no curso de letras; duas no curso de administração; e temos uma que atua em ambos os cursos, administração e ciências contábeis; que, de maneira colaborativa, preencheram o questionário respondendo às questões. Em relação ao tempo, de atuação destas docentes, as professoras têm de onze meses a dois anos de atuação no magistério superior.

Para identificá-las no estudo montamos o seguinte esquema, a partir das questões 1:

| | |
|---------------------|--|
| Informante A | Possui mestrado em Engenharia de Produção e atua como docente no curso de Administração e possui mestrado em Engenharia de produção. |
| Informante B | Possui doutorado em Administração e atua como docente no curso de Administração. |
| Informante C | Possui doutorado em Desenvolvimento Rural e atua como docente nos cursos de Administração e Ciências Contábeis. |
| Informante D | Possui mestrado em Comunicação e Linguagens e atua como docente no curso de Letras. |
| Informante E | Possui mestrado em Letras e atua como |

| | |
|--|-----------------------------|
| | docente no curso de Letras. |
|--|-----------------------------|

Nossa pesquisa é de caráter qualitativo, e, para a coleta de dados, constituímos um corpus de questionários (entrevista estruturada), com sete questões. A fim de angariar dados, a proposta do questionário é fazer a entrevistada refletir sobre a condição da mulher na sociedade e discutir sob o seu ponto de vista, bem como instigar a profissional dialogar sobre a sua condição no ambiente de trabalho. Para tanto, as perguntas utilizadas para o levantamento de enunciados são:

- 1) Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?
- 2) Há quanto tempo você atua nesta Universidade?
- 3) Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?
- 4) Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?
- 5) De acordo com sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?
- 6) Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo da trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?
- 7) O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

Para alcançarmos o objetivo da pesquisa, nossa proposta versará em analisar nas respostas a esses questionários, as marcas linguísticas presentes nos discursos que remetam a outros discursos provenientes de uma ideologia, perpassando pela heterogeneidade discursiva.

Em nossa pesquisa, elegemos a heterogeneidade discursiva para compor a nossa análise e, assim, investigar as possíveis manifestações no fio do discurso que indiquem um sujeito heterogêneo sobre o tema feminismo, bem como identificar alteridade nos enunciados e movimentos de distanciamentos. Para tanto,

analisaremos algumas categorias: formas de referência aos sujeitos; dêiticos espaciais, uso de aspas, estruturação sintática e reformulação.

3. ANÁLISE DO CORPUS

Em primeira instância identificamos a categoria que analisamos, em segunda a entrevistada e a questão para apresentarmos as respostas, e, por conseguinte fizemos a análise.

- **ESTRUTURAÇÃO SINTÁTICA**

Entrevistada E, questão 3:

- (a) “(...) pois apesar das mulheres terem feito grandes conquistas, esta ainda é vítima de diversas formas de violência. Daí a importância de colocar a mulher em igualdade com o gênero masculino”.

Estes discursos no seu interior e como fenômeno extralinguístico carregam interdiscursividades, como por exemplo, no uso da locução prepositiva apesar, este indicia que a mulher já ocupa um espaço na sociedade, mas que mesmo havendo determinados avanços, esta continua vista como “inferior”. Percebe-se assim, nesse trecho o interdiscurso, mantendo diálogo com Amâncio, quando afirma que, “A realidade actual indica (...) que a mudança estrutural representada pela entrada das mulheres de diferentes classes sociais nos diversos sectores do mundo do trabalho, não é suficiente para alterar a função da mulher (...)” (NOGUEIRA, 2006, p. 57, apud, AMANCIO, 2008, p. 17).

- **CONOTAÇÃO AUTONÍMICA**

Entrevistada C, questão 5:

- (b) “Sim se sentem, porém nas relações hierárquicas “há” uma necessidade de se manter “certo respeito”, as que estão em nível hierárquico superior. Porém as

“críticas” sempre acontecem, e são geralmente misóginas, sexistas. O silenciamento nessas relações de poder é muito comum”.

Observamos no enunciado que, a entrevistada utiliza de aspas em **há** para dar ênfase ao verbo não como ‘existir’, mas como ‘é obrigado a existir’ por força da relação. Além disso, o uso das aspas, que trazem as marcas da conotação autonímica, se apresenta nos termos **certo respeito** e **críticas**. Considerando que a língua é plurissignificativa, estes elementos se distanciam do seu sentido contido na materialidade do texto, e evoca outros discursos. Desse modo, no contexto do enunciado o termo **“certo respeito”** se refere a uma caracterização atípica do **respeito** a quem ocupa um cargo hierarquicamente superior a homens como, por exemplo, ‘temor’. E o sentido de **“críticas”** não se refere a uma crítica relacionada ao fazer profissional dessas mulheres baseado na habilidade, mas sim no que se considera que a mulher tenha competência para fazer por ser mulher. Outrossim, essa fala evidencia ainda, em linhas gerais, a resistência contra reconhecimento da história e trajetória da mulher no discurso hegemônico.

Entrevistada C, questão 6:

- (c) “Sim, muitas vezes. O que leva em geral são as dificuldades que os homens têm de entender esse processo histórico de “ocupação” de espaços privilegiados na sociedade, de abrir diálogo sobre, inclusive é bastante comum, ainda, que os homens se ausentem das discussões sobre privilégios, patriarcado, feminismo, etc”.

Ao responder a questão 6, a entrevistada C, faz uso de aspas no termo **ocupação**, instaurando o Outro no fio discursivo. Neste caso, entende-se que os homens não conseguem compreender o lugar que a mulher ocupa na história, o processo de silenciamento, pois não se envolvem em discussões sobre feminismo. Dado que o termo pode ser aproximado de ‘invasão’, ‘tomada de lugar’, a enunciativa parece se distanciar dessas conotações, deixando entrever o discurso feminista de conquista de direitos e não tomada de posições antes, histórica e ideologicamente, atribuídas aos homens.

- **REFORMULAÇÃO**

Entrevistada B, questão 5:

- (d) “Acredito que em um primeiro momento é naturalizado o estranhamento (incômodo) com esta situação. No entanto, é um processo subjetivo, possível de percepção em avaliações institucionais e nas relações interpessoais. Para isto, busca-se atenuar impressões indesejadas com esforços no cotidiano em relação à atividades, trabalhos e maiores diálogos”.

Na construção do enunciado, a **entrevistada B** ressalta que existe uma naturalização das relações sociais sob a égide da ideologia patriarcal e machista, apresenta uma reformulação metaenunciativa, na qual um discurso é reformulado dentro do próprio discurso. Este é apresentado por uma reorientação de leitura, ao usar o termo **incômodo** em detrimento do termo **estranhamento**, que se refere ao desempenho de uma função considerada hierarquicamente inferior a uma mulher. Assim, constitui-se uma heterogeneidade mostrada, pois um Outro é inscrito no fio discursivo. Considera-se aqui que o termo estranhamento remete à ideia de que a situação não é comum ou natural e, quando reorientada por incômodo, vê-se inscrever o descontentamento do homem em relação aos lugares sociais atribuídos às mulheres por eles.

Entrevistada B, questão 6.

- (e) “Sim, as práticas são naturalizadas em todos os ambientes organizacionais como reflexo das relações sociais (ou melhor, dos problemas sociais)”.

Neste enunciado, a enunciativa inscreve um interdiscurso, por meio da justaposição **ou melhor** para retificá-lo. Assim, quando comenta que as práticas são naturalizadas (quer dizer, configurados como discursos hegemônicos, ou seja, discursos já presentes na sociedade) em todos os ambientes organizacionais, o termo relações sociais é reformulado, daí é apresentado como problemas sociais.

- **DÊITICOS**

Entrevistada A, questão 5:

- (f) “Eu não [tenho] como opinar sobre isso, pois nunca ouvi comentários sobre isso”.

A enunciadora instaura a enunciação por meio de dêiticos, e não se posiciona diante da questão sobre o comportamento do homem: “**Eu** não [tenho] *como opinar sobre isso, nunca ouvi comentários sobre isso*”. Percebe-se aqui um distanciamento e silenciamento da entrevistada sobre o caso, quando ela utiliza o dêitico pessoal **Eu**, para se inserir no enunciado e, por conseguinte ao utilizar o dêitico espacial **isso** para se reportar ao fato. O uso do dêitico indefinido parece indicar certo distanciamento da enunciadora em relação ao tema abordado como um assunto que deve não devesse ser tratado em contextos institucionais.

- **REFERENCIAÇÃO**

Entrevistada E, questão 4:

- (g) “Sim, pois as mulheres tem conquistado seu espaço dentro da universidade, tanto alunas como funcionárias. As mulheres têm ocupado cargos de liderança, como por exemplo, chefe de colegiado, de grupos de pesquisas, entre outros. Tais cargos historicamente seriam ocupados pelos homens.”

Ao citar **mulheres** a entrevistada opta por um tipo de referenciação que não inclui marcas diretas de enunciação, ou seja, embora seja um enunciado emitido por uma mulher, não se deixa entrever a subjetividade a partir de marcas de um ‘nós’ inclusivo, o que parece indicar um certo distanciamento desse dizer seja por tentar dar aparente neutralidade ao tema seja por não se ver representada no seu próprio dizer, portanto não se identificando com a posição assumida.

4. CONSIDERAÇÕES

Neste artigo, buscamos estudar a universidade como um espaço do qual emanam diversas (e, por vezes, contraditórias) formações discursivas e ideológicas que refletem nas relações de dominação de variadas ordens. Entre essas relações, escolhemos estudar a problemática de gênero e feminismo, partindo do pressuposto de que, longe de constituir um lugar neutro politicamente, esta reproduz também posicionamentos contrários, inerentes a cada formação histórica particular.

Assim, constatamos ao longo deste trabalho que a universidade, sendo um lugar enunciativo permeado de contradições, apresenta um conjunto de discursos sobre várias esferas sociais, e, desse modo, o discurso sobre gênero e feminismo

também compõe esse espaço. E, pela universidade ser lugar de construção e aprimoramento de conhecimento, uma instituição social que possui o papel de estabelecer igualdade, nosso objeto de estudo foram os discursos de professoras universitárias. Para tanto, fizemos nossa análise do corpus de entrevistas aplicadas as docentes a respeito do tema gênero e feminismo.

Com efeito, a análise nos mostrou algumas características de como as relações de gênero aparecem no posicionamento das entrevistadas, que atuam no campo universitário. Pela análise de determinadas estratégias textuais e discursivas empregadas por elas, podemos entrever como seus posicionamentos ideológicos são produzidos.

Assim, constatamos que o uso de determinados recursos linguísticos (dêitico, reformulação, referenciação não inclusiva) concorrem para produzir um posicionamento caracterizado pela não identificação com os problemas ligados à dominação e preconceito de gênero. Por outro lado, verificamos que, pelo emprego de termos, a enunciação instaurava o outro em seu discurso. Foi o caso da entrevistada C, que, ao usar o substantivo **ocupação** para se referir à possível crescente participação das mulheres nas atividades sociais e produtivas, instaura um posicionamento ligado ao discurso feminista enquanto conquista de direitos, e enquanto ‘tomada de posições’ ou ‘invasão’ em relação a seu outro (o homem).

Para Bakhtin (1993 apud TEIXEIRA, 2005), dialogicamente, em todo discurso há outras vozes, de forma que o não dito também se constitui, então, no interior do discurso. A dominação masculina é um não dito, cuja eficácia se deve justamente a “processos que são responsáveis pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural” (BOURDIEU, 2012, p.8). Assim, contribuem para que determinadas ideologias se mantenham preponderantes por meio da lógica da invisibilização das desigualdades de gênero. Como vimos nos discursos, essa invisibilização se dá no e pelo discurso, por meio dos usos e não usos de determinadas recursos linguísticos.

Dessa sorte, consideramos ter atingido nossos objetivos iniciais de nossa pesquisa, quais sejam, identificar e analisar os posicionamentos ideológicos do discurso de professoras que fazem parte de uma dada universidade e, enquanto tais, vivenciam relações de desigualdade ligadas à questão de gênero. Cremos que seria oportuno, para uma pesquisa futura, estender o número de entrevistadas, variando na escolha da posição profissional desta no interior da universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

DIJK, Teun A. Van. *Discurso e poder*. In: JUDITH HOFFNAGEL, K. F. (Org.). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

GONZAGA, J. A. A interincompreensão gera polêmica: alteridade e heterogeneidade nos discursos das cantoras Anitta e Pitty sobre comportamento sexual feminino. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 381-409, 2017.

LIMA, J. B. Q. O poder masculino na esfera da universidade pública. Andes-sn, julho de 2017.

MAGALHÃES, C. Reflexões sobre a análise crítica do discurso. MAGALHÃES, C. M. (Org.). *Série Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, vol. 2, 2001.

MENEZES, Eduardo Diatay de. Sobre a neutralidade das ciências. *Revista de Ciências Sociais*. Vol. 9, n.1, pp.15-40.

NOGUEIRA, M. C. O. C. Os discursos das mulheres em posições de poder. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 2006, vol. 9, n. 2, pp. 57-72.

SCOTT, J. W. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1990, p. 71- 99.

TELES, M. A. A. Breve história do feminismo no Brasil. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TEXEIRA, Marlene. Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2005.

Anexo 1 (Entrevistada A)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

1. Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?

*Sou prof. Administração com
mestrado em Eng de Produção*

2. Há quanto tempo você atua nesta Universidade?

2 anos

3. Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?

*Nas minhas disciplinas não há
essa discussão pela origem teórica ser
muito técnica. Porém, eu considero
de extrema importância pois incentivo
a igualdade de gêneros*

4. Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?

*Especificamente no meu campus
eu julgo que sim, pois mais de
50% dos cargos de chefia são
ocupados por mulheres*

5. De acordo com a sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?

Eu não como opinar sobre isso pois nunca ouvi comentários sobre isso.

6. Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo de sua trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?

Considero que sim, por ser aluna de eng e mulher, tinha preconceito de mulher não saber fazer conta. Essas práticas ocorrem devido a uma construção social sobre as diferenças de gênero.

7. O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

Realizar uma survey com o máximo de mulheres e homens sobre o tema feminismo.

Anexo 2 (Entrevistada B)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA

1. Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?

Docente, Doutora em Administração.
 Administração.

2. Há quanto tempo você atua nesta Universidade?

1 ano

3. Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?

Formalizado não existe. Porém, existem disciplinas optativas em que são abordadas as questões teóricas. Considero extremamente importante para construção de formação sociocultural dos alunos e diante do papel da universidade para a comunidade/sociedade.

4. Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?

Não. A igualdade de gênero extrapola questões de equidade salarial, sendo assim, caráter identitário nas relações sociais. E como não é uma questão superada na sociedade, não há como ser uma condição em uma organização da sociedade. Há, no entanto, uma evolução neste sentido, em cargos, espaços e diálogos que busca a igualdade.

5. De acordo com a sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?

Acredito que em um primeiro momento é naturalizado o estranhamento (incômodo) com esta situação. No entanto, é um processo subjetivo, possível de percepção em avaliações institucionais e nas relações interpessoais. Para isto, busca-se atenuar impressões indesejadas com esforços no cotidiano em relação à atividades, trabalhos e maiores diálogos.

6. Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo de sua trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?

Sim, as práticas são naturalizadas em todos os ambientes organizacionais como reflexo das relações sociais (ou melhor dos problemas sociais).

7. O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

Evidenciar estudos, leituras, pesquisas nos movimentos sociais locais, realização de grupos locais e ampla divulgação e popularização dos resultados (eventos, artigos, palestras, debates e mídias).

Anexo 3 (Entrevistada C)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA 3

1. Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?

Docência - Doutorado em Desenvolvimento Rural
 Administração Contábil

2. Há quanto tempo você atua nesta Universidade?

2 anos

3. Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?

Não há de forma direta uma discussão sobre feminismo, mais, considerando uma sociedade patriarcal na utomas inseridos, torna-se fundamental trabalhar em todos os espaços, inclusive na sala de aula, questões relacionadas ao papel da mulher e as disparidades sociais dos sexos.

4. Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?

Não, porque a universidade reflete a sociedade em que está inserida. No caso específico do Campus TA, reflete claramente o patriarcado imperante nos espaços rurais.

5. De acordo com a sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?

Sim se sentem, porém nas relações hierárquicas, "há" uma necessidade de se manter, "certo respeito," as que estão em nível hierárquico superior. Porém as "críticas" sempre acontecem, e são geralmente misóginas, reixistas. O silenciamento nessas relações de poder é muito comum.

6. Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo de sua trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?

Sim, muitas vezes. O que leva em geral, são as dificuldades que os homens têm, de entender esse processo histórico de "ocupação" de espaços privilegiados na sociedade, de abrir diálogo sobre, ~~Inclusivamente~~ é bastante comum, ainda, que os homens se ausintem das discussões sobre privilégios, patriarcado, feminismo, etc.

7. O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

Que seja, necessariamente, descrito, e entendido os processos históricos sobre/da cada pessoa, lugar, grupo. As trajetórias são necessárias para entender o porquê de cada posicionamento, das pessoas, e nesse processo, a toma de consciência da estrutura social, do patriarcado e das mudanças necessárias para uma igualdade/respeito e correção histórica.

Anexo 4 (Entrevistada D)



relações
X
problemas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA 4

1. Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?

Letras e Literaturas - mestre em Comunicação e Linguagens

2. Há quanto tempo você atua nesta Universidade?

2 anos

3. Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?

Sim. Sim porque o público feminino, ainda que tenha tido uma formação acadêmica tardia, fez-se muito atuante hoje.

4. Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?

não pois ainda se vê discursos machistas

5. De acordo com a sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?

Ainda não presenciei um caso desses

6. Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo de sua trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?

não. Percebo exclusão de gênero, atribui-se à mulher funções domésticas e não acadêmicas.

7. O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

Mim de referencial teórico que discuta o tema, entrevistar mulheres que exerçam a função de química na Universidade para falarem sobre o seu papel e se sentiram alguma discriminação para assumir o cargo.

Anexo 5 (Entrevistada E)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS DE ABAETETUBA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
LETRAS-LÍNGUA PORTUGUESA 5

1. Qual sua área de atuação na Universidade e titulação superior?

R: Mestre em Letras, sou professora. Atuo na área de Linguística e Língua Portuguesa.

2. Há quanto tempo você atua nesta Universidade?

R: Onze (11) meses

3. Na área em que você atua, existe alguma discussão teórica sobre o feminismo? Você considera importante esta perspectiva? Por qual razão?

R: Não. Sim, pois apesar das mulheres terem feito grandes conquistas, esta ainda é vítima de diversas formas de violência. Daí a importância de colocar a mulher em igualdade com o gênero masculino.

4. Em sua concepção, as mulheres já dispõem de uma condição de igualdade de gênero na Universidade? Por quê?

R: Sim, pois as mulheres tem conquistado seu espaço dentro da Universidade, tanto alunas como funcionárias. As mulheres tem ocupado cargos de liderança, como por exemplo, chefe de turma, de colegiados, de grupos de pesquisas, entre outros. Tais

Cargos historicamente geridos ocupados pelos homens.

5. De acordo com a sua experiência, os homens se sentem incomodados ao ocuparem na Universidade uma posição hierarquicamente inferior a uma mulher? Como você se posiciona diante desse fato?

R: Neste sentido não vejo incômodo dos homens ao serem liderados pelas ~~homens~~ mulheres. Nas últimas décadas as mulheres tem demonstrado muita eficiência em cargos de liderança frente ao gênero masculino.

6. Você considera que já foi vítima de algum tipo de discriminação, assédio ou algum tipo de exclusão social por ser mulher ao longo de sua trajetória acadêmica? Na sua percepção, o que leva à prática de tais casos na universidade?

R: Nunca fui vítima. Talvez a falta de discussões e reflexões sobre o feminismo no espaço acadêmico.

7. O que consideraria essencial, caso fosse orientar algum trabalho de pesquisa na Universidade, cuja perspectiva abordasse o feminismo?

R: Muito estudo sobre as relações de gênero, buscar conhecer a história sobre as mulheres, bem como, implementar metodologias que contribuam para a discussão de gênero nas escolas e nas Universidades.